

# Apresentação

1

Trata-se nesta edição de “outras línguas”, quer dizer, de um problema de ordem primordialmente política, além de ética e estética, linguística e antropológica: não apenas escrever e traduzir desde outras línguas, desde a condição do estrangeiro, mas também de experimentá-las em forma de atos de fala da alegria e da agonia dos aborígenes brasileiros. Os cantos xamânicos ouvidos aqui, integrantes de uma pesquisa oriunda da Universidade da Floresta no Acre, podem funcionar, portanto, como trilha sonora e trilha de reflexão da presente edição sobre “A língua como espaço de migração”. No texto da seção Olhares “Por que canta o MAHKU”, de Amilton Mattos e Ibã Huni Kuin, esses cantos do *nixi pae* (ayahuasca) aparecem em traduções brasileiras com a singela finalidade de “botar no sentido” aquilo cujo sentido é abrigado pelo “Espírito da Floresta”, que vem a ser o título de projeto de pesquisa realizado entre uma reserva de índios e o curso de Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre (UFAC). Como todos deveriam saber, mas infelizmente não sabem ou não querem saber, esse espírito e essa floresta têm sido devastados pelas políticas governamentais e multinacionais na atual fase do liberalismo ocidental. De modo que a revista *Landa* propõe essa música da terra sem males como paisagem sonora da edição do fim do ano de 2016, em função de sua força propagadora de um pensamento selvagem muito afinado com as línguas e as gentes que migram e nascem, mas também e em grande parte morrem, ao tentar se refugiar em algum lugar distante do torrão natal.

Trata-se, portanto, neste número, da (im)possibilidade de falar e escrever em outra língua, como o fizeram os escritores invocados nos artigos remetidos em resposta à Chamada. Escritores que viveram a experiência única de mergulhar e produzir em outro idioma de modo politicamente e culturalmente intenso. São os casos paradigmáticos do húngaro Vilém Flusser, do russo Samuel Rawet, do esloveno

Boris Pahor e do irlandês Samuel Beckett, os quais por si só tornam ainda mais estimulantes as abordagens apresentadas. Mas migração, além de estrangeiridade, significa igualmente viagem: o ato de viajar coletivamente ou solitariamente, viajar entre a alegria e a dor em direção a um outro país e a uma outra língua, vale dizer, a uma outra floresta de sons e sensações, de toques, contatos e gestos. Pois é de viagens, isto é, dos tempos, dos espaços, das línguas, das landas, enfim, que nos falamos, por exemplo, o artigo sobre a relação japonês-português do Brasil a partir de um conto de Kenzaburo Oe, além de outro texto da seção Olhares, que mira a Argentina profunda de meados do século XX a partir das lentes e viagens do escritor, cineasta e arquiteto Alcides Greca (Santa Fe, 1889 - Rosario, 1956).

2

Também em sintonia com nossa Chamada, Werner Heidermann apresenta na seção Olhares o texto intitulado “Literatura Chamisso: a literatura alemã proposta por não-alemães”, dando um contorno atual à discussão proposta, na medida em que aborda uma literatura central em tempos de fortes migrações no continente europeu. Em outro texto da seção Olhares, Roxana Patiño aborda de maneira original e inovadora a crítica literária latino-americana: em “Rubén Darío en dos escenas críticas de la modernidad: de Rama a Antelo”, como informa o título, a ensaísta argentina propõe um contraponto entre Ángel Rama e Raúl Antelo para “visualizar que Darío constroem” a partir dos distintos modos de olhar a modernidade cultural de cada um destes grandes críticos e intelectuais latino-americanos.

Compõem também esta edição da *Landa* dois robustos dossiês com temas afins ao de nossa Chamada. Em um deles, intitulado “Depois de Paris, o quê? Exílio, exotismo e excentricidade na Intelligentsia latino-americana e suas novas capitais”, organizado por Leonardo D’Ávila e Rodrigo Lopes de Barros, com textos em português e sua tradução ao inglês, é investigada a fundo a questão do exílio de artistas e intelectuais para as Américas a partir da Segunda Guerra Mundial, pondo-se em xeque a ideia de que Nova York teria tomado o lugar de Paris como centro e eixo das transformações nas instituições culturais mundiais e buscando-se “um olhar mais acurado e aprofundado sobre essas trocas culturais dentro e desde a América Latina”. Já o outro conjunto de textos, em língua castelhana, “Resignificaciones del pasado en la literatura argentina contemporánea: Memorias, ficciones, filiaciones

históricas”, organizado por Jorge Bracamonte e Pablo Gasparini, trata igualmente de transformações complexas no universo cultural latino-americano, com especial ênfase ao romance histórico das décadas de 1940 a 1980. Entre os fatores extratextuais dessas metamorfoses causadas pela “obnubilação americana” – e nesse ponto os dois dossiês conversam nitidamente – Bracamonte e Gasparini destacam “as grandes tensões e conflitos históricos que atravessam o século XX e que parecem culminar nos 60 e 70, em particular os confrontos entre movimentos de mudança e reforma ou revoluções sócio-culturais, e as reações – geralmente muito violentas – a isso”. Na reflexão proposta neste dossiê dedicado à literatura argentina, vêm à tona inevitavelmente as dicotomias peronismo e antiperonismo, revolução e contrarrevolução, reforma e reação conservadora, em confrontos que manifestam a crise da sociedade argentina, mas também latino-americana, entre “blocos sócio-culturais com interesses globais opostos” daquele período e que retornam, dramaticamente, no espaço americano de norte a sul nos dias de hoje.

A atual edição inclui ainda três resenhas, com destaque para o livro *Vivir entre lenguas*, de Sylvia Molloy, em função da total sintonia com a Chamada sobre a questão da “língua como espaço de migração”. Em sintonia, por sua vez, com Molloy, o novo livro de Tamara Kamenszain, *Una intimidad inofensiva. Los que escriben con lo que hay* investiga os tratamentos da intimidade através das “escrituras del yo”, ou “post-yo”, nas literaturas vistas como espaços de performance ou vice-versa. Inclui-se, ainda, uma resenha sobre o documentário *327 Cuadernos*, de Andrés Di Tella, a partir dos recém-publicados diários de Ricardo Piglia. Assim, entre vida e obra, história e literatura, apresentamos esta nova edição da revista *Landa*, com uma intervenção de ordem política no campo da cultura, em claro confronto com a reação conservadora em curso.

Boas leituras.